

Juliana Fontes Dos Santos Nascimento

“

[]

,

*A Arte de Pontuar no
! Gênero Fábula*

()

?

”

^



Juliana Fontes Dos Santos Nascimento

“

[]

,

A Arte de Pontuar no Gênero Fábula

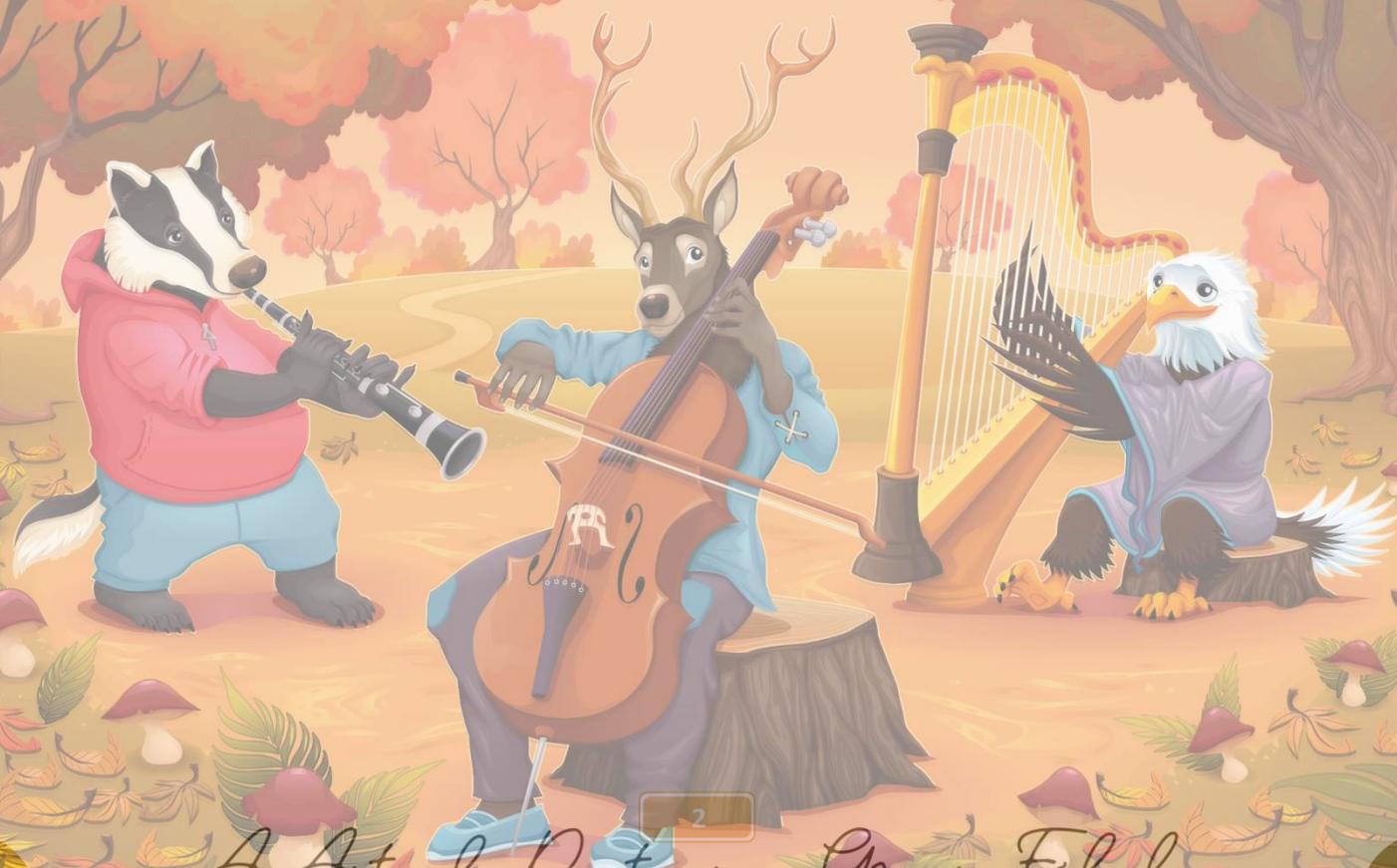
!

()

?

”

^



A Arte de Pontuar no Gênero Fábula



Dedicatória

Aos Meus Queridos Alunos & Colegas Professores.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

N244p

Nascimento, Juliana Fontes dos Santos

Prática de reescrita do gênero fábula com enfoque no uso dos sinais de pontuação / Juliana Fontes dos Santos Nascimento; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2020. 191 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

I. Língua portuguesa. 2. Letramento. 3. Educação - Estudo e ensino. 4. Língua portuguesa – Pontuação 5. Fábulas I. José Ricardo Carvalho da Silva. (org.). II. Título.

CDU 82-191.028.1.003.28

*A Arte de Pontuar no
Gênero Fábula*

“ *Apresentação* ”

Caro(a) colega,

Seja bem-vindo(a)!

Esperamos que este material pedagógico possa subsidiá-lo no desenvolvimento do seu trabalho enquanto professor(a) de Língua Portuguesa. Antes de dar início às atividades propostas neste Caderno, gostaríamos de compartilhar algumas informações, que julgamos serem necessárias, com relação à construção e ao embasamento desse material.

Primeiramente, este caderno foi desenvolvido a partir dos arcabouços teóricos estudados no Mestrado Profissional de Letras (PROFLETRAS), os quais despertaram o interesse e a percepção da necessidade de propor novas metodologias de ensino, alicerçadas no uso de variados gêneros textuais. Outro ponto importante a ser destacado, é que este material constitui-se de atividades de leitura, interpretações de texto, análises linguísticas e propostas de produções textuais, todas voltadas ao ensino da pontuação em uma perspectiva enunciativa-discursiva. Soma-se a isso, o fato de se ter pensado e elaborado inicialmente, para ser destinado aos estudantes pertencentes às séries finais do Ensino Fundamental II, entretanto, não há impedimentos de que adaptações sejam feitas, para que o conteúdo possa ser utilizado em outros níveis da Educação Básica.

Quanto à escolha do conteúdo a ser trabalhado no caderno, baseamo-nos em experiências advindas da sala de aula, as quais nos causavam sérias inquietações sobre o fato de boa parte dos alunos não utilizarem os sinais de pontuação em seus textos. Mediante esse contexto, optamos por criar atividades de cunho enunciativo-discursivas, tomando como referencial os preceitos oferecidos por Dahlet (2006) e Bronckart (2012), a fim de propiciar a reflexão sobre a importância da pontuação para a constituição de sentidos nos textos.

Dessa forma, os estudos que amparam a nossa proposta de um ensino discursivo, advêm do Interacionismo Sociodiscursivo, sob a luz de Bronckart (2012). Para o ISD, está nos textos a materialização das práticas discursivas os quais, por sua vez, carregam sentidos e são construídos sócio historicamente. Diante disso, essa teoria trabalha com a concepção de que o processo do desenvolvimento cognitivo acontece a partir da interação entre as mediações educativas e o uso dos textos (em especial, a análise e a interpretação), sejam eles orais ou escritos. Para tanto, escolhemos o gênero textual fábula como desencadeador dos estudos acerca dessa temática. De

acordo com Dolz e Schneuwly (2004), os gêneros textuais podem ser considerados “megainstrumentos” de ensino, pois dão suporte para as atividades de linguagem nas situações comunicativas, além de servirem como modelos de referência para os estudantes.

Para Bronckart, os textos são organizados em três níveis superpostos e em parte interativos. Essa organização, também denominada folhado textual, é constituída pela infraestrutura geral do texto, pelos mecanismos de textualização e pelos mecanismos enunciativos. A infraestrutura geral, segundo o autor, pode ser compreendida “pelo plano mais geral do texto, pelos tipos de discurso que comportam, pelas modalidades de articulação entre esses tipos de discurso e pelas sequências que nele eventualmente aparecem” (BRONCKART, 2012, p. 120). No plano geral do texto observa-se como o conteúdo temático está organizado. No caso do gênero fábula, esta organização é configurada pelo título, pelo corpo do texto e pela moral, ou frase de efeito que aparece sempre no final da história.

Ao apresentarem em sua trama textual as ações fictícias, vivenciadas por animais personificados e que acontecem em um espaço-tempo diferente da ação da linguagem, ou seja, em um espaço-tempo diferente das coordenadas do mundo ordinário, as fábulas são enquadradas no mundo do narrar, segundo o conceito dos mundos discursivos trazidos por Bronckart (2012).

De acordo com o autor, a infraestrutura textual também é caracterizada pela organização sequencial ou linear do conteúdo temático. Para discorrer sobre esse aspecto, recorre aos estudos de Adam (1992), que apresenta cinco tipos de sequência: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Com relação ao gênero fábula, o tipo de sequência predominante é a narrativa, pois são verificadas em sua composição seis características apontadas por Adam (1992), que são inerentes a esse tipo: a) uma **sequência de eventos** alinhados em ordem temporal; b) a **unidade temática**, privilegiando um sujeito agente; c) **os predicados transformados**, que consiste na transformação das características dos personagens no desenrolar da trama; d) **o processo**, ou seja, uma narrativa deve contemplar a seguinte estrutura: início, meio e fim; e) **a intriga**, um conjunto de causas que sustentam os fatos narrados; f) **a moral**, reflexão sobre o fato narrado, que pode encerrar a verdadeira razão de se contar aquela história.

No contexto do ensino da pontuação, recorreremos à Dahlet (2006) por apresentar uma abordagem de ensino enunciativa, que ratifica a importância do trabalho com a pontuação no texto. A autora faz referência de que o meio natural de ocorrência da pontuação é o próprio ato comunicativo, pois é a partir dele que se elabora a constituição de sentidos estabelecida entre o enunciador e o enunciatário. Além disso, ainda discorre sobre as variadas possibilidades de se pontuar um texto e que “em última análise, pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela

norma enquanto a maioria decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê” (DAHLET, 2006, p. 24).

A fim de categorizar os sinais a partir das funções que desempenham, a autora apresenta em um dos seus capítulos, os sinais de pontuação enunciativos. Pelo fato de haver uma variedade desses sinais, torna-se necessário distinguir o plano em que eles operam: se em cotexto monológico ou se em cotexto dialogal. Em cotexto monológico, a pontuação enunciativa corrobora para estabelecer uma interação entre leitor e escritor. No segundo tipo de cotexto, a pontuação é empregada com a função de sinal de citação ou de diálogo, representando turnos de fala diferentes.

Complementando as ideias acerca dos tipos de cotextos apresentados por Dahlet, Bronckart (2012, p. 183), nos esclarece que no plano do texto podem ser identificados segmentos de monólogo, no qual há a tomada contínua de um turno de fala; e segmentos de diálogo ou de polílogo, caracterizado pela alternância de turnos de fala sucessivos. Segundo o autor, as produções monológicas são identificadas por textos pertencentes à ordem do monólogo, a exemplo dos relatos interativos, das narrações e dos discursos teóricos. Por outro lado, as situações dialogais ou polilógicas aparecem em textos da ordem do diálogo ou do polílogo, podendo ser exemplificados através de conversações que apresentam dois ou mais agentes. Todavia, o autor esclarece que há a possibilidade de alguns monólogos serem produzidos em situação dialogal ou polilógica, como também é possível a presença de diálogos e polílogos em textos produzidos em situações monológicas, como por exemplo, o discurso interativo secundário, no qual os personagens dialogam dentro de um discurso principal, atribuindo-lhe efeito de sentido, entretanto, sem interferir no tipo do discurso principal.

Nesse contexto, o gênero fábula, pertencente à ordem do narrar, pode ser classificado como uma produção monológica, haja vista a presença de uma única instância responsável em contar a história, mas, também, apresentando em sua constituição o discurso interativo secundário, como poderemos observar nas fábulas que serão trabalhadas neste caderno.

Enfim, colega professor(a), almejamos que o material apresentado possa contribuir para uma prática de ensino-aprendizagem diferenciada da pontuação, propiciando a observação sobre os usos concretos destes sinais nos textos, como também favorecer a percepção de que eles constituem-se como marcas de sentido na interação entre leitor e escritor.

Com carinho,

Juliana Fontes dos Santos Nascimento (autora)

Sumário

Apresentação 04

Para início de conversa

09

Perspectivas de aprendizagens direcionadas aos alunos

Orientações iniciais 10

12

MÓDULOS

Módulo I- A importância dos sinais de pontuação nos textos 13

18

Módulo II- (Re) conhecendo as características do gênero fábula

25

Módulo III- Trabalhando os sentidos e as formas composicionais da fábula

32

Módulo IV- A macroestrutura e os tipos de discursos nas fábulas



Módulo V- Os pontos de vista apresentados no gênero fábula e as variadas formas de pontuar um texto **42**

Módulo VI- Proposta de produção textual do gênero fábula **48**

REFERÊNCIAS **50**

51 APÊNDICE



Para Início de Conversa...

“

Este material denominado “A Arte de Pontuar no Gênero Fábula” é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada pela autora. Está organizado em seis módulos, contendo atividades de leitura, interpretação, análise linguística e produção textual, direcionados ao ensino da pontuação. Para a execução desta sequência, foram utilizadas 22 aulas, com duração de 50 minutos cada uma.

”

Perspectivas De Aprendizagens Direcionadas Aos Alunos:

“

- ❖ Compreender as características discursivas do gênero fábula;
- ❖ Reconhecer os aspectos linguístico-discursivos da fábula;
- ❖ Perceber as especificidades do gênero com relação ao uso da pontuação;
- ❖ Identificar as vozes presentes na fábula, a partir da observância da pontuação;
- ❖ Compreender as exigências que o gênero faz com relação ao uso das instâncias narrativas;
- ❖ Associar o uso adequado dos sinais de pontuação com a construção de sentidos dos textos;

”

Orientações Iniciais

Professor (a), com a finalidade de serem alcançados os objetivos de aprendizagem propostos neste caderno, faz-se necessário compartilhar a proposta de trabalho com os alunos, explicando-lhes como serão desenvolvidos os módulos, fazendo a apresentação do gênero que servirá de base para o trabalho de leitura, análise e ensino da pontuação; além da apresentação dos autores das fábulas, bem como as atividades que serão desenvolvidas no decorrer do material.

É importante ativar os conhecimentos prévios dos alunos, a fim de diagnosticar o que eles sabem acerca do gênero fábula, bem como as situações sociais em que estes textos foram produzidos, as finalidades, quem são os leitores e em que tipo suporte esse gênero é geralmente encontrado.

Alguns questionamentos podem ser feitos para a realização desta sondagem:

“

- ❖ **Você sabe o que é uma fábula?**
- ❖ **Você já leu uma fábula? Qual?**
- ❖ **Quem era o autor?**
- ❖ **Em que lugar (suporte) as fábulas costumam ser publicadas?**
- ❖ **Quem costuma fazer a leitura de fábulas?**
- ❖ **Você lembra que tipos de assuntos são abordados nas fábulas?**
- ❖ **Você saberia falar sobre algumas características do gênero fábula?**

”

Sugestões Para O Momento Da Sondagem

- ❖ **Leitura de três versões da fábula “A cegonha e a raposa”, pontuadas de formas diferentes;**
- ❖ **Explicação sobre as características do gênero fábula;**
- ❖ **Discussão sobre a macroestrutura dos textos;**
- ❖ **Discussão sobre estrutura dos textos: Paragrafação e Tipos de discurso;**
- ❖ **Discussão sobre as diferentes formas de pontuar o mesmo texto e o uso dos sinais em determinadas situações;**
- ❖ **Proposta da primeira produção textual, que poderá servir como critério de comparação com relação à produção final.**

Obs.: Professor (a), você poderá fazer alterações, com base nos seus objetivos e a depender da necessidade da turma. Lembre-se que aqui trazemos algumas sugestões que podem ser reformuladas conforme as suas necessidades!

Vamos dar início, então?

MÓDULOS



MÓDULO I

Total de aulas previstas: 04

Atividade 01

Professor (a), nesta primeira atividade, temos como objetivo levar os alunos à percepção acerca da importância do uso dos sinais de pontuação nos textos. Não é necessário trabalhar com conceitos, mas o intuito é ativar os conhecimentos prévios sobre essa temática.



Você já parou para refletir sobre a importância que os sinais de pontuação desempenham na modalidade escrita da língua? Nesta primeira atividade, você é convidado (a) a fazer a leitura do conto “Pontos de vista” e descobrir a resposta para essa pergunta. Está preparado (a)?

Pontos de Vista

Os sinais de pontuação estavam quietos dentro do livro de Português quando estourou a discussão.

— Esta história já começou com um erro — disse a Vírgula.

— Ora, por quê? — perguntou o Ponto de Interrogação.

— Deveriam me colocar antes da palavra "quando" — respondeu a Vírgula.

— Concordo! — disse o Ponto de Exclamação. — O certo seria:

"Os sinais de pontuação estavam quietos dentro do livro de Português, quando estourou a discussão".

— Viram como eu sou importante? — disse a Vírgula.

— E eu também — comentou o Travessão. — Eu logo apareci para o leitor saber que você estava falando.

— E nós? — protestaram as Aspas. — Somos tão importantes quanto vocês. Tanto que, para chamar a atenção, já nos puseram duas vezes neste diálogo.

— O mesmo digo eu — comentou o Dois-Pontos. — Apareço sempre antes das Aspas e do Travessão.

— Estamos todos a serviço da boa escrita! — disse o Ponto de Exclamação. — Nossa missão é dar clareza aos textos. Se não nos colocarem corretamente, vira uma confusão como agora!

— Às vezes podemos alterar todo o sentido de uma frase — disseram as Reticências. — Ou dar margem para outras interpretações...

— É verdade — disse o Ponto. — Uma pontuação errada muda tudo.

— Se eu aparecer depois da frase "a guerra começou" — disse o Ponto de Interrogação — é apenas uma pergunta, certo?

— Mas se eu aparecer no seu lugar — disse o Ponto de Exclamação — é uma certeza: "A guerra começou!"

— Olha nós aí de novo — disseram as Aspas.

— Pois eu estou presente desde o começo — disse o Travessão.

— Tem hora em que, para evitar conflitos, não basta um Ponto, nem uma Vírgula, é preciso os dois — disse o Ponto e Vírgula. — E aí entro eu.

— O melhor mesmo é nos chamarem para trazer paz — disse a Vírgula.

— Então, que nos usem direito! — disse o Ponto Final. E pôs fim à discussão.

(Anzanello, J. C. Revista Nova Escola - Edição N° 165 - Setembro de 2003)



Conversando sobre o Texto

1. O conto “Pontos de Vista” faz uma abordagem sobre a importância dos sinais de pontuação na escrita. Você concorda com o texto? Justifique sua resposta:

Expectativa de resposta: Professor (a), estamos diante de uma questão pessoal, entretanto, objetiva-se que os alunos (as) concordem com a afirmativa e justifiquem a sua resposta.

2. No texto, o Ponto diz que: “uma pontuação errada muda tudo.” Você concorda com essa afirmação? Explique:

Expectativa de resposta: O aluno deve compreender que a pontuação contribui para a construção de sentidos, portanto, se optarmos pelo uso de determinado sinal em detrimento de outro, pode haver mudança de sentido.

Atividade 02

Professor (a), nesta segunda atividade, trazemos a nossa primeira proposta de produção textual, cujo objetivo consiste em apresentar uma fábula escrita totalmente sem pontuação e sem parágrafos, para que os alunos possam fazer a segmentação das vozes enunciativas e dos parágrafos, utilizando os sinais de pontuação devidamente.



1. No conto **Pontos de vista**, você aprendeu que os sinais de pontuação são muito importantes para atribuir sentido ao texto, além disso, a ausência ou o uso indevido deles podem ocasionar problemas quanto à coerência e à compreensão. Sabendo disso, a sua tarefa agora será pontuar o texto abaixo, a fim de atribuir-lhe legibilidade e sentido.

O Lobo E O Cordeiro



Um cordeiro estava bebendo água num riacho o terreno era inclinado e por isso havia uma correnteza forte quando ele levantou a cabeça avistou um lobo também bebendo da água como é que você tem a coragem de sujar a água que eu bebo disse o lobo que estava alguns dias sem comer e procurava algum animal apetitoso para matar a fome senhor respondeu o cordeiro não precisa ficar com raiva porque eu não estou sujando nada bebo aqui uns vinte passos mais abaixo é impossível acontecer o que o senhor está falando você agita a água continuou o lobo ameaçador e sei que você andou falando mal de mim no ano passado não pode respondeu o cordeiro no ano passado eu ainda não tinha nascido o lobo pensou um pouco e disse se não foi você foi seu irmão o que dá no mesmo eu não tenho irmão disse o cordeiro sou filho único alguém que você conhece algum outro cordeiro um pastor ou um dos cães que cuidam do rebanho e é preciso que eu me vingue então ali dentro do riacho no fundo da floresta o lobo saltou sobre o cordeiro agarrou-o com os dentes e o levou para comer num lugar mais sossegado moral a razão do mais forte é sempre a melhor.



Jean de La Fontaine

Texto adaptado pela autora, disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODEwMzk1/>

MÓDULO II

Total de aulas previstas: 02

Colega professor (a), neste módulo, temos como objetivo fazer uma discussão acerca das características que compõem o gênero fábula, além de mostrar como a escolha da pontuação empregada, pode contribuir para dar maior ou menor expressividade às vozes presentes no texto. Para tal, os alunos irão ler duas versões da fábula “A raposa e as uvas” de Esopo (VI a C), pontuadas de formas diferentes. Para subsidiá-lo (a) a respeito das especificidades e características do gênero fábula, apresentaremos alguns textos a seguir:

O Gênero Fábula

O gênero fábula remonta há longos períodos da antiguidade. Inicialmente surgido no Oriente, baseado na tradição oral, foi popularizado por Esopo, um escravo grego, que viveu durante o século VI a. C. Considerado um dos principais fabulistas do Ocidente, Esopo tinha o hábito de contar histórias, as quais tinham como personagens animais que agiam e pensavam como os seres humanos.

Mesmo sendo considerado um dos pioneiros na introdução do gênero fábula no Ocidente, não há registros escritos deixados por Esopo. De acordo com Bagno (2002), “Seus apólogos foram registrados de forma literária mais tarde, por outros autores. O mais importante deles foi o romano Fedro (15 a.C. – 50 d.C.), que se declarava admirador e imitador de Esopo”.

Já na era Moderna, merece importante destaque o francês Jean de La Fontaine, que reescreveu várias das obras de Esopo e Fedro em forma de versos metrificados e rimados, além de elaborar as suas próprias composições, entre elas, a fábula mundialmente conhecida denominada de “A cigarra e a formiga”.

No Brasil, pode-se destacar a importante contribuição de Monteiro Lobato no tocante à popularização desse gênero. Considerado o precursor da Literatura Infantil no Brasil, Lobato

publicou um livro denominado “Fábulas”, no qual ele reconta em forma de prosa, várias fábulas de Esopo, Fedro e de La Fontaine, além de publicar algumas de sua autoria.

Pelo fato de ter suas raízes advindas da tradição oral, as fábulas são reescritas em várias versões que foram sendo moldadas conforme as tradições e os costumes da época em que foram recriadas. Por este motivo, uma mesma fábula pode conter várias interpretações a depender do estilo de quem escreve, assim como também o ensinamento que o autor deseja transmitir para a sociedade.

Mesmo sendo um texto curto e relativamente simples, a fábula possui a estrutura completa de uma narrativa, pois apresenta em seu conteúdo o início (apresentação da situação inicial), o desenvolvimento (apresentação de um conflito) e a conclusão (desfecho do conflito). Vale destacar que após o desfecho, geralmente aparece uma frase, a qual é denominada de moral da história, pois nela resume-se a mensagem que o texto deseja transmitir.

Essas frases de efeito ou simplesmente a moral da história nas fábulas, deram origem a uma infinidade de provérbios populares nos países do Ocidente. Assim, quando se ouve o provérbio: “Devagar e sempre se vai ao longe”, imediatamente vem à mente de quem conhece a fábula “A lebre e a tartaruga” a relação intertextual que existe entre ambos; outro provérbio bastante conhecido é: “Quem desdenha quer comprar”, que tem uma relação direta com a fábula “A raposa e as uvas”, e assim por diante.

Você sabia?

Apesar de inventadas há muito tempo, as fábulas atraem até os dias de hoje vários tipos de pessoas em diversos lugares do mundo, pois relatam fatos muito característicos da personalidade humana, tais como os sentimentos e os anseios mais profundos. Além disso, cada animal na fábula simboliza algum aspecto referente às características dos humanos. Para exemplificar a afirmativa supracitada, pode-se destacar a raposa representando a esperteza e astúcia; a formiga representando as pessoas que gostam de trabalhar; temos o leão caracterizando a força; o cordeiro, denotando a ingenuidade, entre outros.





Fica a Dica!

Professor, devido a algumas semelhanças existentes entre a fábula, o apólogo e a parábola, sugerimos que assistam ao vídeo explicativo sobre essas temáticas, produzido pelo Brasil Escola, disponível no seguinte endereço:

<https://youtu.be/ejZbbjJZwJl>.

Atividade 03

Professor (a), sugerimos que realize a leitura em voz alta das fábulas, com o objetivo de que os alunos possam perceber a expressividade provocada pelo ponto de exclamação nos enunciados.



Texto I

A RAPOSA E AS UVAS



Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que

tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria.



Moral da história: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

Texto disponível em: <http://asfabulasdeesopo.blogspot.com/2009/04/raposa-e-as-uvras.html>

Texto II

A RAPOSA E AS UVAS

Em uma tarde maravilhosa de verão, uma raposa passeava tranquilamente pelo campo. Já cansada e com sede, passou próximo a uma videira, avistando um lindo cacho de uvas, maduros e desejáveis, encheu logo a boca:

- Que delícia! É disso que eu estava precisando! Ela está um pouco alta, mas, é só eu dar um pulinho e está na mão!

A raposa pulou uma vez e não alcançou. Pulou a segunda vez e nada! Após várias tentativas, a raposa parou, olhou para cima, e determinada a conseguir, pulou novamente. No entanto, as lindas uvas estavam muito altas, e jamais a raposa, por mais esforço que fizesse conseguiria pegá-las.



Cansada e completamente frustrada, a raposa sentiu, quão difícil era, colocar as patas naquele maravilhoso cacho de uvas.

Olhou para cima, avistou a girafa. Mas, se ela pedisse ajuda, teria que dividir as uvas. Olhou para o lado, viu o macaco, porém, era muito guloso, devoraria as uvas antes de chegar até ela.

Estava decidida! Não pediria ajuda. Depois de muito se esforçar, porém, sem sucesso na tentativa desistiu. Ela olhou para os lados e resmungou: “Não vou tentar mais! Para que perder tanto tempo, estas uvas estão azedas e estragadas mesmo! Não valem meu esforço”.

Moral da história: Quando não se alcança o que deseja, só resta colocar defeitos!

Autor: Esopo – Adaptação: Eline Costa

Texto disponível em: <https://demonstre.com/a-fabula-a-raposa-e-as-uvras>



PARA REFLETIR

- ❖ Após a leitura oral das versões apresentadas da mesma fábula, qual delas apresentou uma maior expressividade? Por quê?

Expectativa de resposta: Espera-se que os alunos percebam a entonação mais expressiva no texto II, devido ao uso da exclamação.

- ❖ Analisando os trechos: “- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria.” (texto I) e

“Não vou tentar mais! Para que perder tanto tempo, estas uvas estão azedas e estragadas mesmo! Não valem meu esforço”. (texto II), você acha que as duas vezes exprimem a mesma expressividade? Justifique:

Expectativa de resposta: Espera-se que os alunos percebam a entonação mais expressiva no segundo trecho, devido ao uso da exclamação.



Conversando sobre o Texto

1. Os textos que você acabou de ler pertencem ao gênero fábula. Esse gênero remonta há longos períodos da antiguidade. Com base na leitura do texto “A raposa e as uvas” e no seu conhecimento a respeito das fábulas, cite alguns elementos que os caracterizam pertencente a esse gênero.

Expectativa de resposta: Apresentam animais como personagens, que pensam e agem como os seres humanos; apresentam uma moral, cuja função é nos fazer refletir sobre o conteúdo abordado na fábula; é um texto curto, mas que apresenta início, meio e fim.

2. Por que a raposa desistiu de pegar as uvas? Você acha que ela realmente perdeu o interesse nas frutas?

Expectativa de resposta: A raposa desistiu porque não conseguia alcançar o cacho de uvas na videira. Ela não perdeu o interesse de comer a fruta, porém, devido à dificuldade em alcançá-la, acabou por desistir. Para disfarçar o descontentamento por não ter conseguido pegar as uvas, achou por bem, colocar defeito nelas.

3. Você concorda que devemos desistir dos nossos objetivos quando eles parecem difíceis de serem realizados? Justifique sua resposta.

Expectativa de resposta: Resposta pessoal

4. Você concorda com a atitude da raposa no texto II, de não pedir ajuda aos outros animais? Justifique.

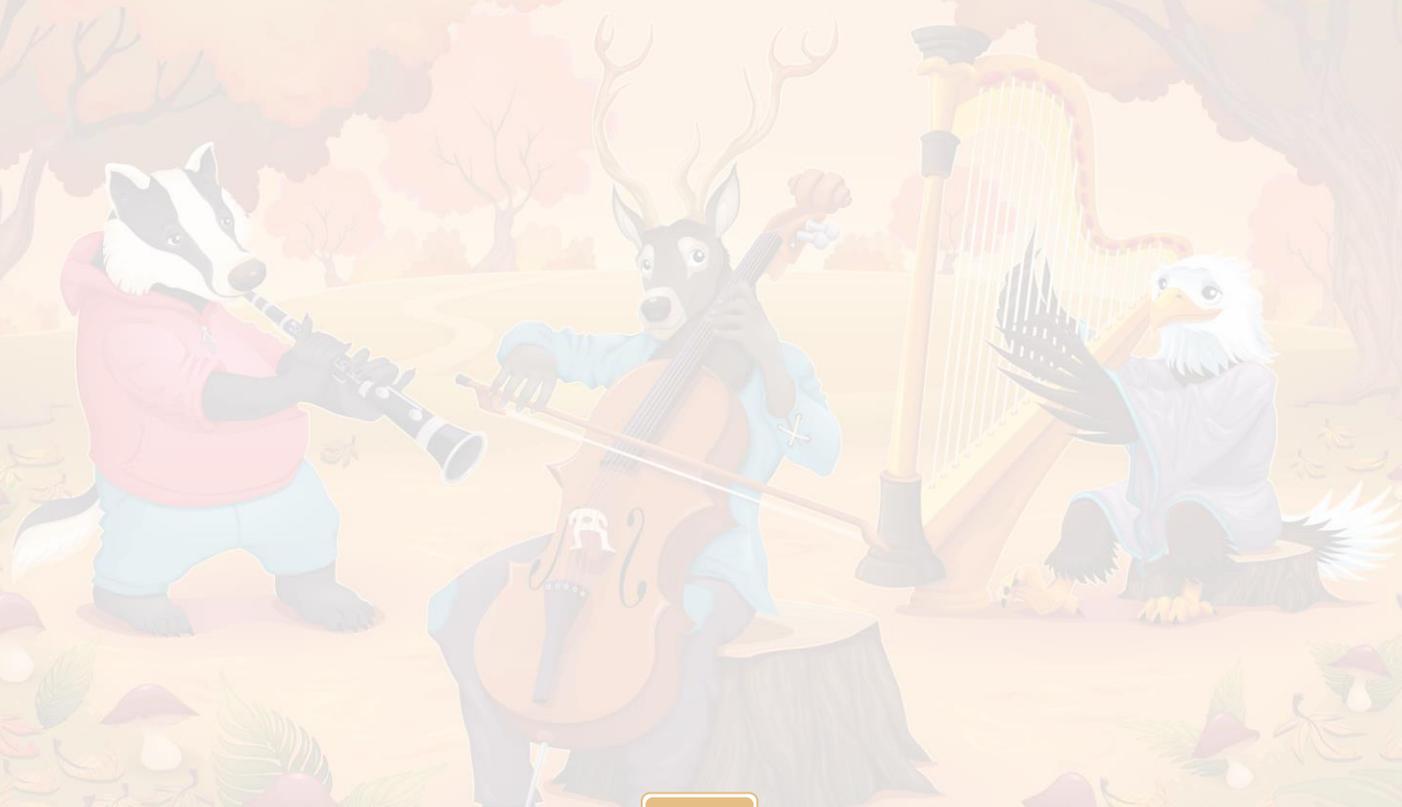
Expectativa de resposta: Resposta pessoal

5. Que ensinamento a moral da fábula deseja transmitir?

Expectativa de resposta: Que geralmente colocamos defeitos nas coisas que não conseguimos conquistar ; Que não devemos desistir de algo, por causa das dificuldades.

6. Para proporcionar clareza e organização na fábula “A raposa e as uvas”, foram utilizados alguns sinais de pontuação. Quais são eles e que função cada um desempenha no texto?

Expectativa de resposta: O travessão- demarcando a voz do personagem; a vírgula, segmentando elementos que não devem permanecer juntos na frase; o ponto final, demarcando o fim de uma frase, oração ou período; os dois-pontos, demarcando que o personagem vai falar, como também, precedendo a voz do autor da fábula, apresentada na moral; as aspas, demarcando o discurso direto; e a exclamação, sendo usada para representar uma expressividade na fala do personagem e do autor, no caso da moral.



MÓDULO III

Total de aulas previstas: 04

Atividade 04

Colega professor (a), neste módulo, temos como objetivo trabalhar os sentidos expressos nas fábulas, as formas composicionais e no que se refere à pontuação, tratarmos de explicitar o uso do travessão e das aspas, marcando o discurso direto. Para isso, utilizaremos duas versões da fábula “A lebre e a tartaruga”, de autorias de Esopo e de Jean de La Fontaine, respectivamente.



Texto I

A TARTARUGA E A LEBRE

Certo dia uma lebre topou com uma tartaruga e ao ver como ela andava devagar, caiu na risada e fez muita troça.

- É tão desengonçada, andando com essa sua concha pesada, que até admira que consiga chegar a algum lugar.

A tartaruga deteve-se na estrada poeirenta, levantou a cabeça, virou-se para a lebre e sorriu.

- Então vamos apostar uma corrida – disse ela – Na hora que você escolher. Aposto dez moedas por dez quilômetros.

A lebre se pôs a dar pulos, toda animada.

- O que? Dez moedas? Podemos começar agora mesmo? Só dez quilômetros?

E sem esperar pela resposta da tartaruga, disparou pela estrada.

A tartaruga saiu atrás, com toda a lentidão. Sem olhar para trás nem para os lados, foi seguindo a passo firme e regular pela estrada.

Num instante, a grande velocidade da lebre deu-lhe uma grande dianteira, e ela, rindo consigo, virou-se para ver a que distância se encontrava a tartaruga. Não conseguiu avistá-la, e, como estava um pouco cansada e achou que um descanso seria muito agradável, acomodou-se ao lado de uma placa da estrada, para tirar uma soneca.

- Vou dormir um pouco – disse ela. - Tenho muito tempo, e se a minha vagarosa amiga passar por aqui enquanto eu estiver dormindo, eu acordo, alcanço-a, e ainda assim venço a corrida com facilidade.

A tartaruga, enquanto isso, ia avançando, e depois de muito, mas muito tempo, chegou à placa da estrada, embaixo da qual a lebre roncava sonoramente. A tartaruga não parou. Sem hesitar, foi em frente, levando às costas o seu grande casco, rumo ao distante marco de chegada.



A lebre, muito confiante na própria vitória, dormiu a sono solto ao sol. Quando finalmente acordou, já era noite: ela tinha dormido demais! Piscou, pôs-se de pé com um pulo, olhou de um lado e outro e saiu em disparada. Embora corresse mais rápido do que o vento, não conseguiu alcançar a tartaruga. Quando atingiu o marco de chegada, a tartaruga já estava lá, sorrindo calmamente consigo mesma.

Devagar se vai ao longe.

(Esopo. **Fábulas de Esopo**. São Paulo, Círculo do Livro S/A, 1983.)



Texto II

A TARTARUGA E A LEBRE

“ Apostemos, disse à lebre
A tartaruga matreira,
Que eu chego primeiro ao alvo
Do que tu, que és tão ligeira!”

Dado o sinal de partida,
Estando as duas a par,
A tartaruga começa
Lentamente a caminhar.

A lebre, tendo vergonha
De correr diante dela,
Tratando um tal vitória,
De peta ou de bagatela,

Deita-se, e dorme o seu pouco;
Ergue-se, e põe-se a observar
De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;

Olha; e depois que a vê perto,
Começa a sua carreira;

Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.

À meta chega primeiro,
Apanha o prêmio apressada,
Pregando à lebre vencida
Uma grande surriada.

Não basta só haver posses
Para obter o que intentamos;
É preciso pôr-lhe os meios,
Quando não, atrás ficamos.

O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;
Porque um anão acordado
Mata um gigante a dormir.

Eis deita uma vista d’olhos
Sobre a caminhante sorna,
Inda a vê longe da meta,
E a pastar de novo torna.

FONTAINE, J. **Fábulas**. Martin Claret, 2005, p. 168/169

PARA REFLETIR

Professor (a), a fim de mobilizar a interação da turma, podem ser realizados alguns questionamentos oralmente. Logo abaixo, apresentamos algumas sugestões:

- ❖ Qual ou quais interpretações podem ser inferidas nas fábulas?
- ❖ O que representa a figura da lebre e da tartaruga no texto?
- ❖ Que características humanas são observadas nos personagens das fábulas?

- ❖ Qual significado você atribui às morais das fábulas lidas?
- ❖ A moral das fábulas, geralmente, relaciona-se com alguns provérbios. Você conhece algum que pode manter relação com os textos lidos?



Conversando sobre o Texto

(Professor (a), nesta atividade, daremos enfoque aos sentidos transmitidos nas fábulas e a observância às funções desempenhadas pelo travessão).

- ❖ Baseado nas leituras das versões da fábula “A lebre e a tartaruga”, responda as questões a seguir:

1. As fábulas foram criadas com a função de trazer ensinamentos a partir de situações fictícias vivenciadas por animais. De acordo com a leitura dos textos, qual (is) instruções a fábula “A lebre e a tartaruga” deseja transmitir?

Expectativa de resposta: Não devemos subestimar as pessoas; o excesso de autoconfiança pode ser prejudicial.

2. Nas fábulas, cada animal representa um comportamento humano. Diante dessa informação, que aspectos do comportamento humano podem ser percebidos na figura da lebre e da tartaruga?

Expectativa de resposta: Lebre- Excesso de autoconfiança, presunção./ Tartaruga- Persistência, calma.

3. Por que você acha que a tartaruga foi a vencedora da competição?

Expectativa de resposta: Porque ela acreditou em si mesma e foi persistente até conseguir alcançar o seu objetivo.

4. O que você compreende por: **Devagar se vai ao longe?**

Expectativa de resposta: Professor (a), estamos diante de uma questão subjetiva, desse modo, estimule os alunos a pensarem nas variadas possibilidades que temos de interpretar esta moral.

5. No trecho “—**Então vamos apostar uma corrida — disse ela — Na hora que você escolher. Aposto dez moedas por dez quilômetros.**”, o travessão está sendo utilizado com duas funções diferentes. Diante da observação, tente explicar estes usos.

Expectativa de resposta: No primeiro caso, o travessão está demarcando o turno de fala da tartaruga; já no segundo caso, o travessão assume a função de separar a voz da personagem da voz do narrador.

Atividade 05

(Nesta atividade, propomos uma análise acerca das estruturas composicionais que foram utilizadas em cada uma das fábulas; além disso, fazer referência ao uso das aspas que foram empregadas no segundo texto).

❖ **Uma mesma fábula pode apresentar várias versões, isso vai depender do estilo do autor. Há autores que escrevem de forma mais sintética, dando uma maior importância ao ensinamento e a moral que aquele texto apresenta; outros, o principal deles, La Fontaine, além da preocupação com o tom moralizante das fábulas que escrevia, preocupava-se também com a estética dos textos. Sabendo disso, responda as questões que seguem:**

1. As versões das fábulas “A lebre e a tartaruga” apresentam semelhanças quanto à temática apresentada. Entretanto, com relação aos aspectos composicionais, notam-se algumas diferenças. Quais são as semelhanças e as diferenças apresentadas nos dois textos?

Expectativa de resposta: Na versão escrita por Esopo, a fábula está escrita em forma de prosa e apresenta a estrutura comum a uma narrativa: início, desenvolvimento, conclusão e moral; além disso, a disposição das vozes enunciativas aparece distribuídas em parágrafos. Já na versão de La Fontaine, a fábula aparece escrita em versos, dispostos em estrofes, e ainda há a preocupação com a seleção das palavras, a fim de criar ritmo melódico na fábula.

2. A linguagem utilizada em ambas as fábulas é semelhante? Justifique:

Expectativa de resposta: Não, pois na versão escrita por La Fontaine, além do objetivo de contar a história, observamos um maior cuidado com relação à seleção e disposição das palavras no texto.

3. Baseados na leitura da estrofe extraída da fábula de La Fontaine, responda as questões abaixo:

**“Apostemos, disse à lebre
A tartaruga matreira,
Que eu chego primeiro ao alvo
Do que tu, que és tão ligeira!”**

a) Qual a função das aspas no trecho destacado?

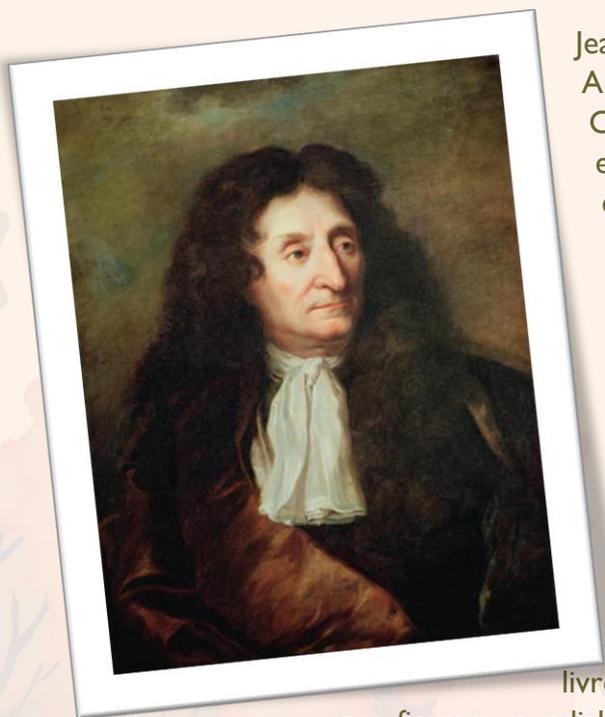
Expectativa de resposta: Demarcar o discurso direto.

b) No final da estrofe foi empregado o ponto de exclamação. Poderíamos substituí-lo por outro ponto, sem que houvesse mudança de sentido? Justifique:

Expectativa de resposta: Poderíamos fazer a substituição, sem haver a mudança de sentido do enunciado, contudo, a tentativa de marcar a expressividade na fala do personagem, seria modificada. Percebemos isso claramente, ao se fazer a leitura em voz alta.

CONHECENDO UM POUCO SOBRE LA FONTAINE E ESOPO

BIOGRAFIA DE JEAN DE LA FONTAINE



Jean de La Fontaine (1621-1695) foi poeta e fabulista francês. Autor das fábulas, "A Lebre e a Tartaruga", o "Lobo e o Cordeiro", entre outras. Na capital francesa, decidido a ser escritor, frequentava o ambiente literário, onde conheceu escritores, poetas e dramaturgos importantes, como Corneille, Madame de Sévigné, Boileau, Racine e Molière. La Fontaine só se tornou conhecido em 1664, com a publicação de seus "Contos", lançados em vários volumes. O primeiro deles foi "Novelas em Versos Extraídos de Boccaccio e Ariosto". La Fontaine escreveu versos, contos e comédias, mas foi com suas fábulas que conquistou a fama, época em que estava com mais de 40 anos. O primeiro volume de fábulas de La Fontaine "Fábulas Escolhidas Postas em Versos" foi publicado em 1668, e dedicada ao rei Luís XIV.

Escrito em verso foi o início para a publicação de 12 livros que se prolongou até 1694, que continham histórias

que ficaram mundialmente famosas. A obra é composta por histórias, cujos

personagens principais são animais, que se comportam como seres humanos. Vendo o rei cercado de uma corte onde a esperteza era condição essencial de sobrevivência e, sem poder retratar essa gente em sua condição real, La Fontaine disfarçou-a sob a pele dos animais de suas fábulas:

O leão representa o rei, dono do poder e alvo de bajulação,

A raposa é o cortesão matreiro o que vence pela astúcia,

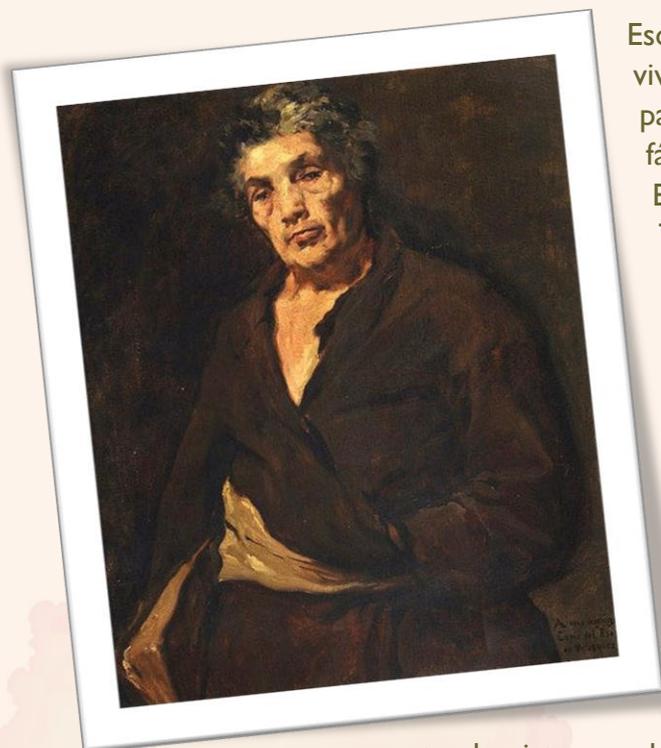
O lobo é o poderoso que alia a habilidade à força bruta,

O asno, o cordeiro e a ovelha são os puros, que ainda não aprenderam a arte de enganar.

A conclusão de sua obra é melancólica e amarga: No fim, é o forte que vence. É a violência e a astúcia que dominam. Foi desta forma que La Fontaine viu seu tempo e a humanidade, na luta pela vida.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/

BIOGRAFIA DE ESOPHO



Esopo (séc. VI a.C) foi um fabulista grego, que teria vivido na Grécia antiga. Figura supostamente lendária, passou para a história como o primeiro criador de fábula. Segundo uma biografia egípcia do século I a.C., Esopo teria nascido provavelmente na região de Trácia, onde hoje se localiza a Turquia por volta do ano 550 a.C. De acordo com a lenda, ele teria sido vendido como escravo em Samos a um filósofo, que posteriormente lhe teria concedido alforria. Na mesma época, Plutarco afirmou que Esopo teria sido conselheiro de Cresos, rei da Lídia, e que costumava contar histórias sobre animais das quais extraía uma moral. Viajou pelo mundo, tendo passado pelo Oriente Médio, Egito e Babilônia, o que teria enriquecido o gênero que inventou. Foi-lhe atribuído um conjunto de pequenas estórias, onde os animais desempenhavam papéis que faziam sentido do

ponto de vista moral, ou seja, eles tomavam o lugar dos homens, mas viviam os seus dramas comuns. Esopo tornou-se célebre por suas fábulas, que chegaram até nós em número de 40 e são conhecidas hoje em todas as literaturas. Demétrio de Falero, no século IV a.C., redigiu em prosa a primeira coletânea de fábulas atribuídas a Esopo. Mais tarde, no século I da era cristã, um escravo liberto chamado Fedro, escreveu em latim diversos livros de fábulas que imitavam as de Esopo e se tornaram igualmente célebres. A coleção de Esopo era lida no século V em Atenas, uma das épocas de maior efervescência cultural grega. Seus escritos faziam parte da tradição oral, assim como as obras de Homero, por isso, só foram reunidas e escritas depois de 200 anos. Esopo inspirou muitos poetas medievais. As suas coleções de fábulas também influenciaram La Fontaine, escritor e fabulista francês. Entre os títulos mais famosos figuram:

- A Raposa e as Uvas
- A Lebre e a Tartaruga
- A Cigarra e a Formiga
- O Lobo e o Cordeiro
- O Cachorro e o Hortelão
- O Leão e o Rato

Disponível em: <https://www.ebiografia.com/esopo/>

Fica a dica!

Professor(a), para trabalhar a intertextualidade com o gênero fábula, pode ser solicitada uma pesquisa sobre os provérbios na sala de informática.

MÓDULO IV

Total de aulas previstas: 06

Colega professor (a), nas atividades de nº 06 e 07 deste módulo, serão utilizadas as versões das fábulas “O lobo e o cordeiro” e “A raposa e a cegonha”, de autoria de Jean de La Fontaine, com o objetivo de analisarmos e discutirmos a macroestrutura desses textos e os tipos de discursos que são empregados em decorrência da presença das vozes enunciativas.

A MACROESTRUTURA DO GÊNERO FÁBULA

O gênero fábula pertence à ordem do narrar, devido à predominância da sequência narrativa em sua composição. A organização desse gênero aparece configurada pelo título, pelo corpo do texto e pela moral, ou frase de efeito que aparece sempre no final da história.

A macroestrutura do gênero fábula apresenta cinco elementos que compõem a sequência narrativa: situação inicial (apresentação inicial); complicação (desencadeamento de uma tensão); (re)ações (acontecimentos gerados pela tensão); resolução (redução da tensão); situação final (desfecho); moral (significado global da história).

É importante ressaltar, que o uso da pontuação auxilia na formação da macroestrutura do gênero, uma vez que contribui para a linearidade e coerência do texto.

OS TIPOS DE DISCURSO

A trama textual do gênero fábula é composta por uma sequência de ações, na qual é evidenciada a presença de um narrador, cuja função é relatar os acontecimentos; a presença de personagens, os quais têm a função de protagonizar os fatos relatados pelo narrador e a presença do autor, que mostra a sua voz na moral da história.

De acordo com a intenção do narrador, os tipos de discurso podem variar. Dessa forma, teremos um caso de discurso direto, quando o narrador dá uma pausa na narração e permite a reprodução fiel das vozes dos personagens. As características desse tipo de discurso são: o uso dos verbos de elocução ou *dicendi*; a presença dos seguintes sinais de pontuação: travessão, exclamação, interrogação, dois pontos, aspas; e a inserção do discurso no meio do texto.

No discurso indireto, as vozes das personagens não aparecem, pois o narrador assume a função de citá-las com as suas palavras. As características que esse tipo de discurso apresenta são: narração do discurso em terceira pessoa; pouco uso dos verbos de elocução e a ausência do travessão e das aspas demarcando o discurso dos personagens.

O último tipo de discurso, compreendido como indireto livre apresenta-se como uma mistura dos outros dois discursos acima mencionados. Nesse caso, observa-se tanto a presença da voz do narrador, quanto das personagens misturadas na narrativa, não havendo marcas segmentando essas vozes. A liberdade sintática e a aderência do narrador aos personagens são as características principais desse tipo de discurso.

Atividade 06



Texto I

O LOBO E O CORDEIRO

Um cordeiro estava bebendo água num riacho. O terreno era inclinado e por isso havia uma correnteza forte. Quando ele levantou a cabeça, avistou um lobo, também bebendo da água.

- Como é que você tem a coragem de sujar a água que eu bebo - disse o lobo, que estava alguns dias sem comer e procurava algum animal apetitoso para matar a fome.

- Senhor - respondeu o cordeiro - não precisa ficar com raiva porque eu não estou sujando nada. Bebo aqui, uns vinte passos mais abaixo, é impossível acontecer o que o senhor está falando.

- Você agita a água - continuou o lobo ameaçador - é sei que você andou falando mal de mim no ano passado.

- Não pode - respondeu o cordeiro - no ano passado eu ainda não tinha nascido. O lobo pensou um pouco e disse:

- Se não foi você foi seu irmão, o que dá no mesmo.

- Eu não tenho irmão - disse o cordeiro - sou filho único.

- Alguém que você conhece, algum outro cordeiro, um pastor ou um dos cães que cuidam do rebanho, e é preciso que eu me vingue. Então ali, dentro do riacho, no fundo da floresta, o lobo saltou sobre o cordeiro, agarrou-o com os dentes e o levou para comer num lugar mais sossegado.

MORAL: A razão do mais forte é sempre a melhor.

Jean de La Fontaine

Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODEwMzkl/>



Conversando sobre o Texto

1. Já sabemos que o gênero fábula apresenta características que o fazem pertencente ao tipo textual narrativo. Com base no que discutimos sobre os elementos que compõem uma narrativa, complete as informações do quadro a seguir, retirando informações da fábula O lobo e o Cordeiro.

Personagens	Expectativa de resposta: O lobo e o cordeiro
Tempo	Não especificado. (Professor(a), explicar aos alunos que não é comum nas fábulas a especificação do tempo).
Espaço	A narrativa acontece próximo a um riacho.
Narrador	Narrador-observador, pois o narrador conta a história sem participar dela.

2. A fábula que você acabou de ler apresenta quatro vozes distintas: a voz do narrador, a do cordeiro, a do lobo e a do autor. Destaque de lápis azul a voz do narrador; de vermelho, a voz do lobo; de amarelo, a voz do cordeiro, e de verde, a voz do autor: Professor (a), a resposta desta questão encontra-se na fábula.

3. Você concorda com a lição apresentada na fábula O Lobo e o Cordeiro? Justifique sua resposta.

Expectativa de resposta: Resposta pessoal.

4. Que tipo de discurso está sendo empregado na fábula? Por quê?

Expectativa de resposta: Discurso direto, pois nessa fábula há a representação das vozes dos personagens de forma integral, sendo essas introduzidas pelo travessão.

Atividade 07



Texto I

FÁBULA: A RAPOSA E A CEGONHA



A Raposa convidou a Cegonha para jantar e lhe serviu sopa em um prato raso.

—Você não está gostando de minha sopa? — Perguntou, enquanto a cegonha bicava o líquido sem sucesso.

—Como posso gostar? —A Cegonha respondeu, vendo a Raposa lamber a sopa que lhe pareceu deliciosa.

Dias depois foi a vez da cegonha convidar a Raposa para comer na beira da Lagoa, serviu então a sopa num jarro largo embaixo e estreito em cima.

—Hummmm, deliciosa! — Exclamou a Cegonha, enfiando o comprido bico pelo gargalo — Você não acha?

A Raposa não achava nada nem podia achar, pois seu focinho não passava pelo gargalo estreito do jarro. Tentou mais uma ou duas vezes e se despediu de mau humor, achando que por algum motivo aquilo não era nada engraçado.



MORAL: às vezes recebemos na mesma moeda por tudo aquilo que fazemos.

Jean de La Fontaine (1668)

PARA
REFLETIR

- ❖ Que atitudes humanas podem ser atribuídas às personagens dessa fábula?
- ❖ Na sua concepção, a raposa agiu com má intenção ao servir a sopa para a cegonha em um prato raso?
- ❖ Você concorda com a atitude da cegonha de ter revidado a ação da raposa?
- ❖ Você concorda com a moral apresentada?



Conversando sobre o Texto

1. Você já sabe que o gênero fábula possui uma sequência predominantemente narrativa e que pode apresentar em sua composição seis fases: a situação inicial (apresentação inicial); a complicação (desencadeamento de uma tensão); a(s) (re) ações (acontecimentos gerados pela tensão); resolução (redução da tensão); situação final (desfecho); moral (significado global da história). Diante dessa afirmativa, identifique na fábula que você acabou de ler os elementos pedidos no quadro abaixo:

(Colega professor(a), é importante notar e ressaltar para os alunos que nem todas as fábulas irão apresentar todas as fases da sequência narrativa).

Situação Inicial	<i>O narrador inicia a narrativa anunciando que a cegonha é convidada para ir tomar uma sopa na casa da raposa.</i>
Complicação	<i>A raposa serve a sopa em um prato raso, e a cegonha não consegue saborear o alimento.</i>
(Re) Ações	<i>A cegonha, chateada com a situação, convida a raposa para jantar em sua casa e acaba servindo a sopa em um recipiente que não dava para a convidada conseguir comer.</i>
Resolução	.
Situação final	<i>A raposa vai embora chateada com a brincadeira que a cegonha fez com ela.</i>
Moral	<i>O autor da fábula nos faz refletir que não devemos fazer com os outros, algo que não gostaríamos que fizessem conosco.</i>

Fica a Dica!

Professor(a), você pode sugerir uma proposta de produção textual solicitando que os alunos reescrevam a fábula, atribuindo-lhe um final diferente do apresentado na versão lida.

Atividade 08

Nesta última atividade do módulo, apresentaremos uma fábula em quadrinhos, para que os alunos possam criar os diálogos entre os personagens e perceberem como é formado o discurso direto neste tipo de gênero. Para isso, os alunos terão que assistir ao vídeo da fábula “o leão e o ratinho”, disponível em: <https://youtu.be/YJyy3VeTXFQ>. Professor (a), é importante explicitar as características desse novo gênero, como também, explicar aos alunos que devido à presença dos balões de fala, o discurso direto não precisa estar antecedido pelo travessão.

FÁBULA DE ESOPHO

O LEÃO E O RATINHO



O leão era orgulhoso e forte, o rei da selva. um dia, enquanto dormia, um minúsculo rato, corria por cima dele. o grande leão despertou com um grande rugido.



Pegou o ratinho por uma de suas fortes patas e levantou a outra para esmagar a débil criatura que o incomodara.

Resposta Pessoal



Resposta Pessoal

Dias depois, um grupo de caçadores entrou na selva. Decidiram tentar capturar o leão. Os homens subiram em duas árvores, uma de cada lado do caminho, e seguraram uma rede de lá em cima. Mais tarde, o leão parou despreocupadamente pelo lugar. Ato contínuo, os homens jogaram a rede sobre o grande animal. O leão rugiu e lutou muito, mas não conseguiu escapar. Os caçadores foram comer e deixaram o leão preso à rede, incapaz de se mover.

Resposta Pessoal



O leão rugiu por ajuda, mas a única criatura na selva que se atreveu a aproximar-se dele foi o ratinho.

Resposta Pessoal

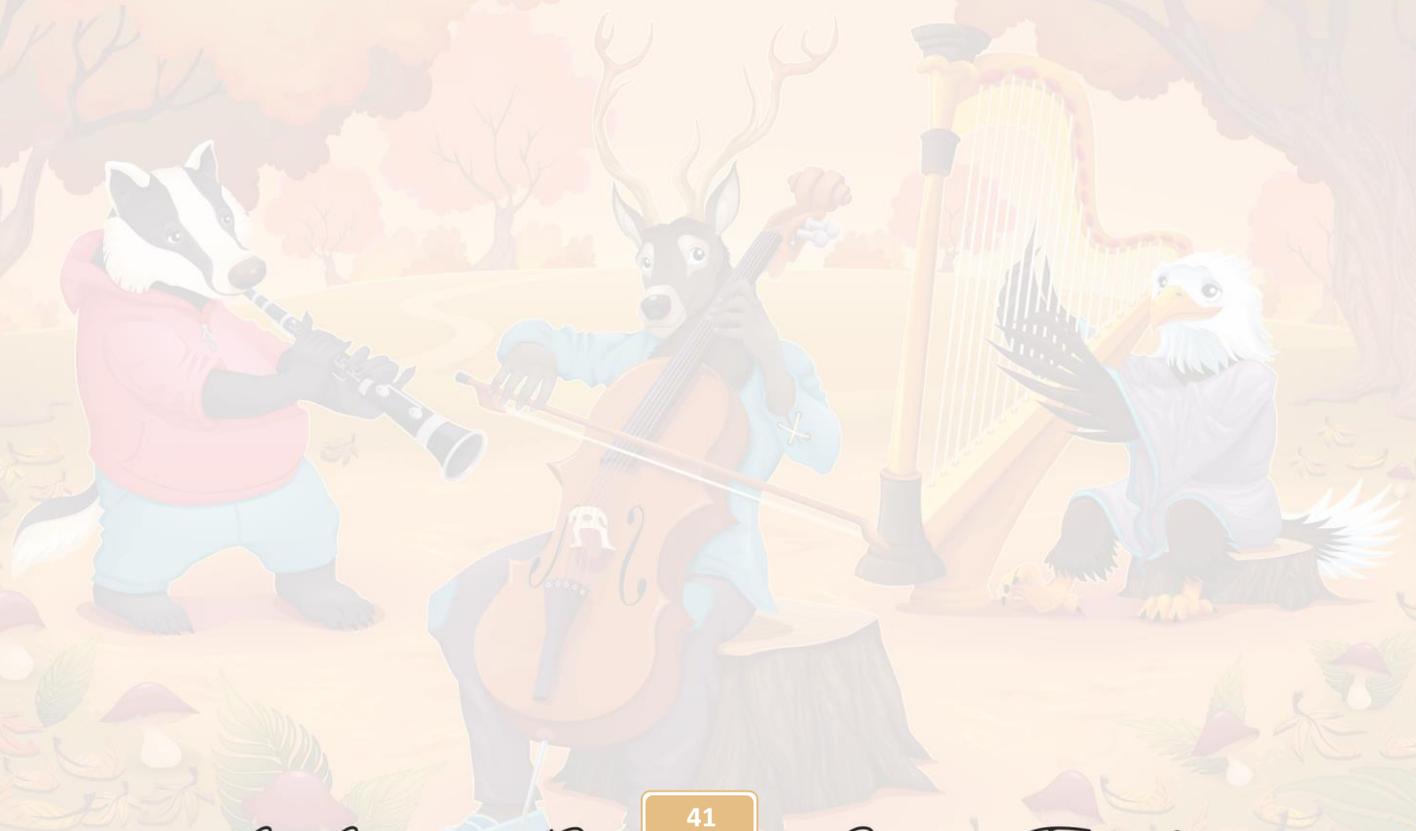


Resposta Pessoal

Imagens adaptadas, disponíveis em: <https://images.app.goo.gl/FsZuR8jPhExUKZK9>

2. Que moral você atribuiria a esta fábula?

Expectativa de resposta: Resposta pessoal.



MÓDULO V

Total de aulas previstas: **04**

Atividade 09

Neste módulo, utilizaremos a fábula “A cigarra e a formiga”, nas versões escritas por La Fontaine e Monteiro Lobato, com a intenção de analisarmos os pontos de vista defendidos em cada uma das versões e observar os usos dos sinais de pontuação em cada texto. Professor (a), é importante ressaltar para os alunos que há várias maneiras de se pontuar um texto, isso vai depender da intenção comunicativa e dos sentidos que se deseja atribuir.



Texto I

A CIGARRA E A FORMIGA – LA FONTAINE (VERSÃO BOCAGE*)

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brilho,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.

“Amiga, - diz a cigarra-
Prometo, à fé d’animal,
Pagar-vos antes de agosto
Os juros e o principal.”

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
“No Verão em que lidavas?”
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: “Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.”
“Oh! bravo!”, torna a formiga.
– Cantavas?
Pois dança agora!

FONTAINE, J. Fábulas. Martin Claret, 2005, p.

Texto II

A CIGARRA E A FORMIGA BOA (MONTEIRO LOBATO)



Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

- Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.
- Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

- E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

- Eu cantava, bem sabe...

–Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

<http://contobrasileiro.com.br/a-cigarra-e-a-formiga-boa-fabula-de-monteiro-lobato/>





Conversando sobre o Texto

1. Baseado na leitura dos textos, você acha que os dois pertencem ao mesmo gênero textual? Justifique sua resposta.

Expectativa de resposta: Embora os textos apresentem estruturas diferentes, os dois pertencem ao gênero fábula.

2. Os dois textos falam sobre a cigarra e a formiga, mas eles apresentam as mesmas informações nas duas versões?

Expectativa de resposta: Embora apresentem semelhanças, quanto aos personagens e à situação narrada, as duas versões apresentam perspectivas diferentes, sendo assim, o desfecho também é diferenciado.

3. De acordo com o que você compreendeu, qual é a ideia de trabalho que está por trás da atitude da formiga do texto I?

Expectativa de resposta: Pela atitude da formiga, podemos inferir que para ela a cigarra era uma preguiçosa, pois em vez de “trabalhar” e guardar comida para o tempo do inverno, ficava cantando. Assim acontece na vida real, muitas pessoas não valorizam o trabalho de artistas como cantores, atores, trabalhadores circenses, entre outros.

4. Qual é a concepção de trabalho que está por trás da formiga do texto II?

Expectativa de resposta: A concepção apresentada é de que o trabalho realizado pelos músicos e artistas em geral, deve ser valorizado, como qualquer outra forma de labor.

5. No último verso do texto I, a formiga diz para a cigarra: “– Cantavas? Pois dança agora!”. Esse discurso não foi empregado em seu sentido literal. Qual seria o real sentido dessa fala da formiga?

Expectativa de resposta: Pelo fato da formiga não considerar como um trabalho a cantoria da cigarra, essa não merecia ser ajudada. Dessa forma, a expressão “Pois dança agora”, é um indicativo de que a formiga queria ver a formiga passando fome e frio.

LINGUAGEM DENOTATIVA X LINGUAGEM CONOTATIVA

Quando a linguagem está no **sentido denotativo**, significa que ela está sendo utilizada em seu **sentido literal**, ou seja, o sentido que carrega o **significado básico das palavras**, expressões e enunciados de uma língua. Em outras palavras, o **sentido denotativo** é o sentido **real, dicionarizado** das palavras. Quando a linguagem está no **sentido conotativo**, significa que ela está sendo utilizada em seu **sentido figurado**, ou seja, aquele cujas palavras, expressões ou enunciados ganham um **novo significado** em situações e contextos particulares de uso. O **sentido conotativo** modifica o sentido denotativo (literal) das palavras e expressões, ressignificando-as.

Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/denotacao-conotacao.html>

6. Baseado na leitura do texto II, que moral você acrescentaria a esta fábula?

Expectativa de resposta: Resposta pessoal.

7. No texto poético, o autor utiliza estratégias diferentes para dar expressividade ao texto. Analisando as duas versões da fábula, quais elementos são utilizados para transmitir expressividade ao texto I e II?

Expectativa de resposta: No texto I, a expressividade se dá através dos recursos linguísticos utilizados na composição da fábula. No caso do texto II, verificamos que a pontuação utilizada, no caso a exclamação, desempenha essa função.

Atividade 10

Professor(a), nesta atividade, daremos ênfase aos usos dos sinais de pontuação nas fábulas.

I. Como o discurso direto está sendo apresentado em cada texto? Cite um exemplo de cada:

Expectativa de resposta: Na fábula de La Fontaine, o discurso direto apresenta-se representado entre aspas.

Ex: “Eu cantava/ Noite e dia, a toda a hora.”

Na versão de Lobato, o discurso direto aparece demarcado através do uso do travessão. Ex:

—Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

2. No trecho retirado da fábula de Lobato “— Pois entre, amiguinha!”, observamos o uso da vírgula. Qual função esse sinal desempenha no fragmento em destaque?

Expectativa de resposta: Neste fragmento, a vírgula foi usada com a função de separar o vocativo “amiguinha” do restante da frase.

3. No fragmento “— Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...”, observamos o uso das reticências no final do discurso. Elas poderiam ser substituídas pelo ponto final sem haver alteração de sentido? Justifique:

Expectativa de resposta: Não, pois neste caso, as reticências foram utilizadas para representar uma pausa no discurso do personagem. Não poderíamos substituí-las pelo ponto final, dada à função que ele desempenha: encerrar um enunciado de sentido completo.

4. No texto II, aparece a expressão “tique, tique”. Como são chamadas expressões desse tipo e que função está desempenhando no texto?

Expectativa de resposta: A expressão tique-tique corresponde a uma onomatopeia, cuja função é reproduzir um som. Nesse caso, a onomatopeia está reproduzindo o som da batida da porta.

4. Um mesmo texto pode ser pontuado de várias formas, a depender do que se deseja expressar e também devido as escolhas dos autores. Sua tarefa agora será pontuar uma terceira versão da fábula “A cigarra e a formiga”, na versão de Esopo, usando os sinais de pontuação que você julgar adequados.

Fábula de ESOPO

A CIGARRA E A FORMIGA



Num belo dia de inverno, / as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de comida. / Depois de uma chuvarada, / os grãos tinham ficado molhados. / De repente aparece uma cigarra: /

(— / “”) Por favor, / formiguinhas, / me dêem um pouco de comida (. / !) /

As formigas pararam de trabalhar, / coisa que era contra seus princípios, / e perguntaram: /

(— / “”) / Mas por que? / (— / “”) O que você fez durante o verão? / Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno? /

Falou a cigarra: /

(— / “”) / Para falar a verdade, / não tive tempo (. / !) / Passei o verão todo cantando (. / !) /

Falaram as formigas: /

(— / “”) / Bom! / Se você passou o verão todo cantando, / que tal passar o inverno dançando? / E voltaram para o trabalho dando risadas. /

Moral da história: Os preguiçosos colhem o que merecem! (/ .)

<http://asfabulasdeesopo.blogspot.com/2009/04/cigarra-e-formiga.html>

- ❖ Neste módulo, trabalhamos uma fábula escrita por Monteiro Lobato. Esse autor é considerado o precursor da Literatura Infanto-juvenil no Brasil. Vamos conhecer um pouco sobre a vida desse importante escritor brasileiro?

Monteiro Lobato

“Um País se faz com Homens e Livros”



Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato. Alfabetizado pela mãe, logo despertou o gosto pela leitura, lendo todos os livros infantis da biblioteca de seu avô o Visconde de Tremembé.

Escritor e editor brasileiro, escreveu várias obras de sucesso, entre elas, "O Sítio do Pica-pau Amarelo" sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade das obras de Monteiro Lobato é formada de literatura infantil.

Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna. Como escritor literário, Lobato destacou-se no gênero "conto", entretanto, escreveu muitas fábulas muito conhecidas, tais como: O Cavalo e o Burro, A Coruja e a Águia, O Lobo e o Cordeiro, O Corvo e o Pavão, A Formiga Má, entre outras.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/

Fica a Dica!

Professor (a), você pode escolher algumas fábulas escritas pelos alunos nos módulos anteriores, que contenham desvios com relação à segmentação das vozes presentes nas fábulas e com relação ao uso da pontuação, para que possa ser feito um trabalho de revisão e reescrita. Essa atividade pode ser realizada em duplas ou trios, ou pode ser realizada coletivamente; nesse caso, as fábulas seriam exibidas em *data-show*, a fim de que fosse possível a visualização e a discussão entre a turma e o(a) professor(a).

MÓDULO VI

Total de aulas previstas: 02

Atividade 11

Professor (a), sugerimos nesta última atividade, a reescrita da fábula “A pomba e a formiga”, de autoria de Esopo. Nosso objetivo consiste em observar se houve evolução no tocante ao uso dos sinais de pontuação e na apropriação dos aspectos discursivos e linguístico-discursivos do gênero nas produções textuais dos alunos. Para isso, eles devem assistir ao vídeo da fábula supramencionada, que está disponível em: <https://youtu.be/azmOspahSNg>.



- ❖ Agora é a sua vez! Depois de ter assistido ao vídeo da fábula “A pomba e as formigas”, você irá reescrever a história de acordo com o que você assistiu e de acordo com tudo o que aprendeu sobre o gênero estudado e os sinais de pontuação. Trouxemos abaixo, algumas orientações que podem ajudá-lo (a) a reescrever a fábula. Capriche!

RECEITA PARA FAZER UMA FÁBULA TRADICIONAL

Ingredientes:

- 1 moral da história que poderá estar escrita ou escondida no texto e cuja intenção seja mostrar uma lição, ensinamento ou crítica.
- 2 ou 3 personagens apresentadas rapidamente, com qualidades ou atitudes bem diferentes, sempre ligadas a situações humanas.
- 1 problema (conflito) de rápida solução.
- Tempo e lugar meio vagos, sem muito detalhamento.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Fábulas Fabulosas. In: CARVALHO, M. A.; MENDONÇA, R. H.(org.). **Práticas de Leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. P.50-52

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. J.L.Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

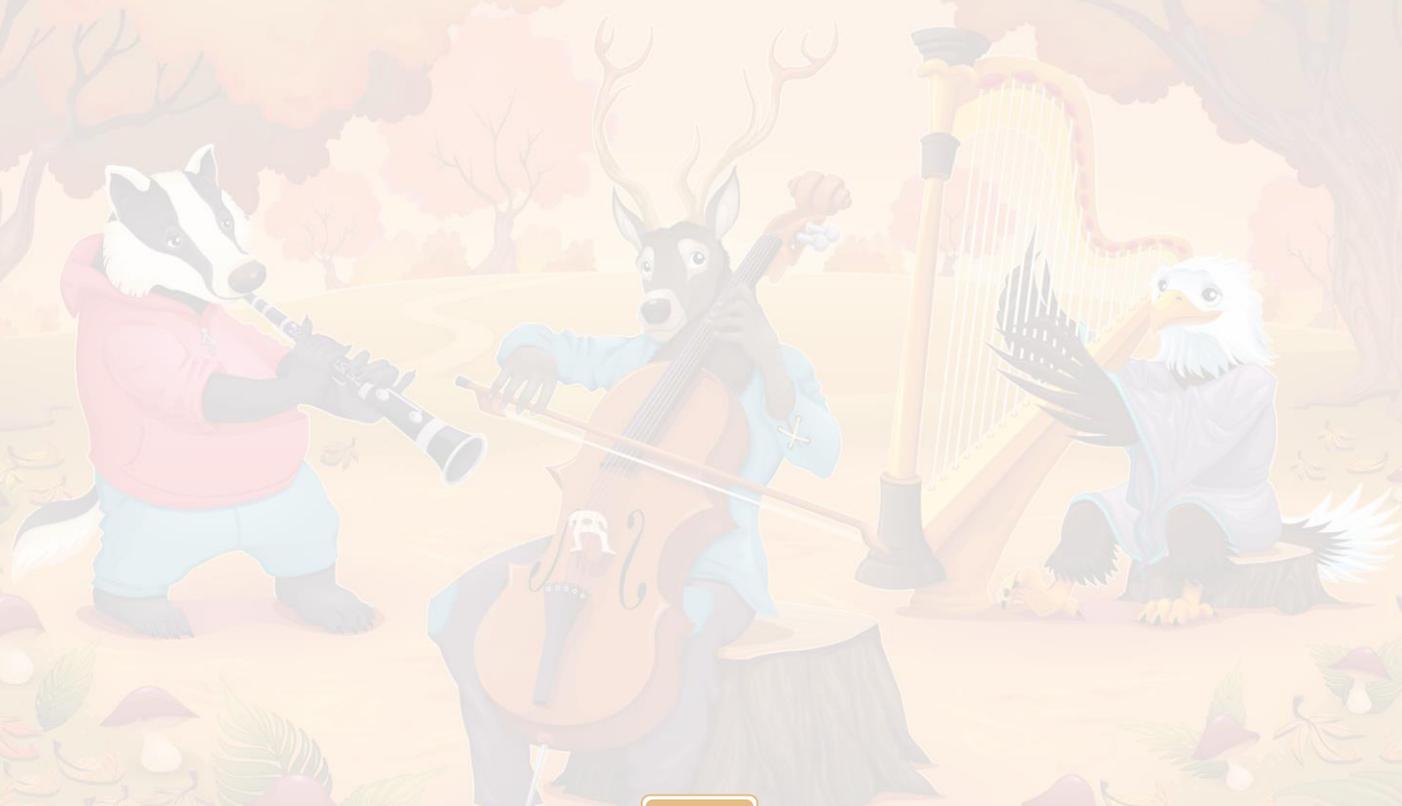
BRONCKART, J. P. **Atividades de Linguagens, texto e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ 1999/2012.

DAHLET, V. **As (man)obras da pontuação usos e significações**. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

LA FONTAINE. J. **Fábulas**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LOBATO, J. M. **Fábulas- Monteiro Lobato**. São Paulo: Globo, 2008.



APÊNDICE



A PONTUAÇÃO ENUNCIATIVA

De acordo com Bakhtin (2003), o uso da língua é efetivado em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos que se originam através dos integrantes das diferentes esferas da atividade humana. Desse modo:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p.279).

Dadas às especificidades do enunciado, podemos considerá-lo como unidade real de comunicação da linguagem verbal, uma vez que devido ao caráter dialógico que lhe é inerente, na interação entre os sujeitos (sujeito/ enunciador/ autor x sujeito/ enunciatário/ leitor) existe a preocupação em se estabelecer uma relação de sentidos entre as partes.

Assim, nos enunciados orais a constituição de sentidos pode ser estabelecida utilizando-se alguns recursos semióticos tais como a expressão facial, a entonação, entre outros. No campo dos enunciados/textos escritos, essa construção de sentidos dar-se-á a partir de escolhas lexicais e também, a partir do uso dos sinais de pontuação, que, por sua vez, constituem-se como sinais ideográficos carregados de sentido, quando estão associados aos signos linguísticos.

Na obra “As (man)obras da pontuação usos e significações”, Dahlet (2006) apresenta um novo olhar sobre o ensino da pontuação, devido ao fato das gramáticas apresentarem esse conteúdo de forma expositivo, sem dar ênfase aos processos semânticos e interacionais que podem determinar a escolha de um determinado sinal. Em meio às variadas funções da pontuação apresentadas no livro, abordaremos a denominada de enunciativa, que segundo a autora, “pode ser abertamente assumida pelo enunciador-destinador (cotexto monologal), ou, ainda, pelo fato de servir convencionalmente como sinais de citação ou de diálogo (cotexto dialogal) (Dahlet, 2006, p.25).

Em virtude da variedade e da diversidade funcional, os sinais classificados como enunciativos:

Abarcam o campo de operações pontuacionais¹ que, de uma maneira ou de outra, provêm do marcado, do destacado. A presença do marcado remete a uma postura do *escriptor*², quer este introduza o discurso de outrem em seu discurso quer se manifeste mediante uma intervenção intencional no processo de referência. (DAHLET, 2006, p. 167, grifos da autora).

¹ Neologismo criado pela autora para evitar a repetição excessiva do complemento: da pontuação.

² Neologismo criado pela autora para designar a noção mais neutra de quem escreve. (DAHLET, 2006, p. 26)

CADERNO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Pelo fato de alguns sinais de pontuação funcionarem de forma diferente a depender do cotexto em que estejam inseridos, faz-se importante observar essa distinção. No quadro abaixo, podemos observar a categorização dos sinais enunciativos apresentados por Dahlet (2006), conforme o cotexto em que operam e as funções atribuídas a cada um:

Quadro 01 - Pontuação de enunciação. *Corpus* e funções

	COTEXTO MONOLOGAL	COTEXTO DIALOGAL
1. hierarquizadores discursivos	<ul style="list-style-type: none">– dois- pontos– travessão (duplo)– parênteses	<ul style="list-style-type: none">– dois-pontos– travessão (duplo)– parênteses
2. indicadores referenciais	<ul style="list-style-type: none">– aspas autonímicas– aspas conotação autonímica	<ul style="list-style-type: none">– aspas autonímicas– aspas conotação autonímica
3. sinais de citação		<ul style="list-style-type: none">– aspas– itálico– colchetes
4. marcadores expressivos	<ul style="list-style-type: none">– itálico³– maiúscula contínua– negrito– travessão	
5. marcadores de interação	<ul style="list-style-type: none">– ponto de interrogação– ponto de exclamação– reticências	
6. sinais de conduta de diálogo		<ul style="list-style-type: none">– maiúscula contínua– itálico– ponto de interrogação– ponto de exclamação– reticências de fluxo⁴– reticências de interrupção– travessão de diálogo

Fonte: Dahlet, 2006, p.168

³ Sublinhamento, em manuscrito (DAHLET, 2006, p. 168).

⁴ As reticências de fluxo dizem respeito às que indicam o fato de o personagem interromper, por um momento ou definitivamente, sua própria fala. Por isso, chamo essa interrupção de “homo-interrupção”. Em contrapartida, as reticências de interrupção remetem ao fato de um personagem interromper a fala de um outro. Nesse caso, há troca de fala: chamo essas reticências de “hetero-interrupção” (DAHLET, 2006, p. 168).

Contudo, é válido ressaltar que diante do quadro supracitado, faremos uma abordagem apenas dos sinais enunciativos mais trabalhados no contexto escolar, tais como: os dois pontos, o travessão, as aspas, as reticências, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação.

1.1 Cotexto monologal

De acordo com Dahlet (2006), no cotexto monologal a pontuação de enunciação anuncia o escritor/enunciador em sua atividade enunciativa. Dentro dos sinais classificados como hierarquizadores discursivos nesse tipo de cotexto, temos os dois-pontos, o travessão duplo e os parênteses. Com relação ao uso dos dois-pontos, Dahlet (2006), afirma que as gramáticas normativas e descritivas preocupam-se apenas em enumerar os contextos em que esse sinal pode ser utilizado. Além disso, a autora questiona o fato de que apresentar uma lista de contextos de uso não favorece a compreensão, nem tampouco explicita as várias possibilidades de uso dos dois-pontos.

Sendo considerados operadores do “dinamismo comunicativo”, a função dos dois pontos seja na posição intracláusula ou intercláusula, é dividir o **tema** e o **rema**⁵ das orações. Na posição interfrásica, o papel dos dois-pontos é intervir na formalização de diálogos, funcionando conjuntamente com as aspas ou com o travessão de citação. Na moral da fábula “O touro e as rãs” de Monteiro Lobato, podemos identificar o uso dos dois pontos separando o tema do rema. Observemos:

É sempre assim: brigam os grandes, pagam o pato os pequenos (LOBATO, 2008, p. 76).

Os parênteses e o travessão duplo /— —/ ou travessão de abertura e fechamento são sinais morfologicamente duplos, cuja função é “inserir um segmento num enunciado receptor, que é sintática e semanticamente autônomo (...)” (DAHLET, 2006, p. 180).

No contexto dos sinais tidos como indicadores referenciais, podemos citar as aspas. Em cotexto monologal, elas têm a função de bloquear a interpretação literal do segmento e fornecer, por sua vez, indicações de interpretação peculiares. Sendo assim, as aspas nesse tipo de cotexto são

⁵ O tema corresponde ao “dado”, definido como “elemento que, no momento do ato da enunciação, já pertence ao ato da consciência”, ao passo que o rema corresponde ao “novo”, informação introduzida a partir do dado (COMBETTES, 1983, p. 18/19 *apud* DAHLET, 2006, p. 174).

definidas como sinais de indicador interpretativo, e a depender da função que desempenham, podem ser classificadas como: aspas autonímicas ou aspas de conotação autonímica.

Quando as aspas forem empregadas em uma palavra com a intenção de remeter a ela mesma e não ao referente, dizemos que essas aspas são autonímicas. Neste caso, esse sinal expressa um valor metalinguístico. Por sua vez, as aspas de conotação autonímica são usadas para indicar um distanciamento do enunciador em relação ao que foi dito. De acordo com (REY-DEBOVE, 1978, p. 267 *apud* DAHLET, 2006, p. 184), a palavra aspeada pode significar “por assim dizer” ou “como diria X”, “querendo dizer que X me envolve com suas palavras”.

No grupo dos sinais marcadores de interação temos o ponto de exclamação, o ponto de interrogação e as reticências. É importante destacar que estes sinais, em cotexto monologal, promovem a interação entre o escritor/ enunciador e o leitor.

Ao observar às condições de ocorrência do ponto de exclamação em algumas gramáticas, Dahlet (2006), chega à conclusão que há um descompasso com relação à abordagem desse sinal nas gramáticas analisadas e que todas têm em comum o fato de fundamentar a análise sobre a entonação. Tal fato mostra-se falho, segundo a autora, pois leva os autores a tentarem explicar o uso desse sinal como se o ponto de referência fosse a oralidade. Assim, em cotexto monologal, o ponto de exclamação pode evocar as interjeições, ao vocativo, ao imperativo e a exclamação. Entretanto, vale ressaltar, que pelo fato do escrito estar deslocado no espaço e no tempo, o processo exclamativo não se refere a quem escreve, mas se desloca para o leitor, uma vez que o valor exclamativo expresso pelo ponto de exclamação recai sobre este. Observemos o exemplo abaixo retirado da fábula “o julgamento da ovelha”:

Fiar-se na justiça dos poderosos, que tolice!... A justiça deles não vacila em tomar do branco e solenemente decretar que é preto (LOBATO, 2008, p. 65).

No fragmento supracitado, tem-se um exemplo de alto grau fornecido pelo ponto de exclamação, cuja função é densificar o conteúdo semântico para fins argumentativos.

O segundo sinal interativo é o ponto de interrogação, o qual segundo Dahlet (2006) é também apresentado pelas gramáticas de forma equivocada, uma vez que utilizam como modelo de referência para o uso desse sinal a modalidade oral da língua.

Sabe-se que há dois tipos de interrogação: a que faz um pedido de informação e a interrogação retórica, aquela que nada pede como resposta. Em cotexto monologal, a pergunta geralmente, dá conta “de uma modalidade de tratamento da informação (focalização no rema) ou de um apelo ao consenso, ou ainda, de uma intervenção direta e diretiva sobre a opinião do leitor” (DAHLET, 2006,

p. 202). Ou seja, em cotexto monologal todas as interrogações são retóricas. No exemplo a seguir, podemos visualizar no fragmento retirado da fábula “A formiga má” o emprego da interrogação provocando uma intervenção direta e diretiva sobre a opinião do leitor:

É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela? (LOBATO, 2008, p. 27)

Os enunciados interrogativos podem ainda ter a função de anunciar outros assuntos que o escritor pretende acrescentar no decorrer da sua fala. Um exemplo desse tipo de aplicação, pode ser verificado no título de um artigo retirado da Folha de São Paulo: “**Sou judeu ou Palestino?**” (DAHLET, 2006, p.200).

Por fim, há também a ficção do diálogo expresso pelo ponto de interrogação. Neste caso, é estabelecido um jogo de perguntas e respostas que tanto podem ser assumidas pelo enunciador, como pelo coenunciador. O excerto abaixo, retirado da fábula “As aves de rapina e os pombos”, exemplifica com clareza a ficção de diálogo em cotexto monologal:

A guerra dos rapinantes – quando isto foi? Há séculos. Há mil anos. Mas foi guerra tão terrível que até hoje se fala nela (LOBATO, 2008, p. 115).

Ademais, temos ainda as reticências como constituintes do grupo dos sinais interativos. Segundo Dahlet (2006, p. 205, grifos da autora), esse sinal tem a função de **apelo à continuidade da inferência, ou seja**, em cotexto monologal, ao contrário do que cita algumas gramáticas, as reticências evocam a algo que não foi dito, tendo o leitor o papel de efetuar a completude de sentido.

Dado o seu papel de substituir o dito, as reticências nesse tipo de cotexto, permitem a troca de papéis, no qual o leitor completa o não dito, assumindo dessa forma, o papel de leitor/coenunciador, ao passo que há um recuo da posição do escritor/enunciador. De acordo com a posição que as reticências ocupam no enunciado (início, meio ou fim), podem-se observar as operações instauradas por esse sinal, assim como a sua ação, que por sua vez pode ser prospectiva ou retrospectiva. No quadro abaixo, podemos visualizar os lugares e as funções desempenhadas por esse sinal.

Quadro 02 - Reticências. Lugares e funções

INÍCIO DE ENUNCIADO	MEIO DE ENUNCIADO	FIM DE ENUNCIADO
a) efeito retrospectivo	b) efeito prospectivo	(c,d,e) efeito prospectivo
início <i>in media res</i>	completude adiada: efeito de suspense	(c) sem completude: etc. (d) chamado à continuidade da inferência (d.1) abertura do espaço interpretativo (d.2) chamado ao consenso (e) chamado à pausa na inferência

Fonte: (Dahlet, 2006, p. 211).

De acordo com Dahlet (2006), a ocorrência das reticências no início do enunciado se limita quase de forma exclusiva aos textos de cunho literário, e a sua função é por “em ação o pressuposto segundo o qual um antetexto foi escrito, mesmo não tendo jamais sido escrito: é o bem conhecido início *in media res*” (DAHLET, 2006, p. 205, grifos da autora).

Diferentemente da função que lhe é peculiar, as reticências em lugar de abertura, não criam um apelo à continuidade da inferência, mas pedem uma reconstituição situacional anterior, caracterizando desta forma, uma inferência do tipo retrospectiva. Quando aparecem no meio do enunciado, as reticências podem criar um efeito de expectativa ou suspense para o leitor. Assim, a suspensão momentânea provocada por essa pontuação é o que ratifica o trabalho inferencial produzido por ela. Podemos observar essa função no exemplo abaixo, extraído da fábula “O julgamento da ovelha”:

A ré tremeu: não havia escapatória!...Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara (LOBATO, 2008, p. 64).

Por fim, as reticências podem ainda aparecer no final do enunciado, sendo sinônima de etc., para dar continuidade ou para dar uma pausa na inferência. No primeiro caso, quando as reticências equivalem à expressão etc., irão aparecer exclusivamente em uma enumeração. Abrangendo o campo de continuidade da inferência, as reticências finais aparecem de forma sistemática em enunciados completos. No entanto, o uso desse sinal em detrimento do ponto final, justifica-se pelo fato de ser uma orientação de interpretação dada pelo autor/enunciador ao seu leitor, a qual não seria possível com o uso do ponto final. É o que podemos verificar no enunciado abaixo, também retirado da fábula “O julgamento da ovelha”:

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espotejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juizes famintos, a título de custas... (LOBATO, 2008, p. 64).

Passaremos agora ao estudo dos sinais de pontuação utilizados em cotexto dialogal. Perceberemos que em algumas situações haverá similaridade com as funções analisadas em cotexto monologal, entretanto o que irá sobrepor são as diferenças.

1.2 Cotexto dialogal

Ao contrário do cotexto monologal, que remete ao intradiscurso, o dialogal remete ao interdiscurso, pois em sua constituição iremos perceber a presença de discursos alheios no discurso fonte. Para inserir esses discursos alheios, é necessário o conhecimento de regras pontuacionais e tipográficas. De acordo com Dahlet (2006), em cotexto dialogal a pontuação enunciativa marca a copresença de no mínimo dois discursos de origens diferentes:

- i. são dois discursos de proveniência diferente quando há inserção de citação no discurso fonte (o discurso citado está inserido no discurso citante);
- ii. são, no mínimo, três os discursos de proveniência diferentes quando o discurso fonte insere quer citações de autoria cada vez diferente, quer uma representação de diálogo (DAHLET, 2006, p. 213).

Por remeterem à ideia do interdiscurso, os sinais de pontuação em cotexto dialogal, são denominados pela autora de sinais interdiscursivos, pois é atribuído a eles a função de distinguir o discurso citante do citado. Assim, quando houver a presença dos dois-pontos, de uma vírgula, de um ponto de interrogação ou de exclamação, o discurso citado configurar-se-á como um discurso completo.

Nesse contexto, os dois pontos apresentam a particularidade de que na fronteira entre o discurso citante e o discurso citado, podem ou não ser seguidos de uma alínea, entretanto, sempre serão seguidos de um sinal de citação: as aspas de abertura ou o travessão de diálogo. Além disso, o discurso citado, introduzido por este sinal, será sempre marcado por uma maiúscula.

Do mesmo modo que no cotexto monologal, a função dos dois-pontos em cotexto dialogal, continua sendo a de separar o tema do rema. No exemplo a seguir retirado da fábula “O burro juiz” podemos observar essa função:

A gralha começou a disputar com o sabiá afirmando que sua voz valia mais que a dele. Como as outras aves se rissem daquela pretensão, a barulhenta matraca de penas gralhou furiosa:
— Nada de brincadeiras! Isto é uma questão muito séria, que deve ser decidida por um juiz (LOBATO, 2008, p.67).

Os demais sinais interdiscursivos, ou seja, a vírgula, o travessão, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação aparecerão quando o discurso citado preceder o discurso citante. No caso da vírgula e do travessão, esses podem absorver o ponto que aparentemente limita à direita o discurso alheio; já os pontos de interrogação e exclamação tendem a prevalecer sobre a vírgula.

As aspas, por sua vez, abrangem o campo dos sinais de citação cuja função é a diferenciação do segmento que delimitam, sendo que essa diferenciação pode estar relacionada tanto à mudança de estatuto quanto à mudança de sentido.

De acordo com Dahlet (2006, p. 217), citação é “todo enunciado que retoma a fala de outrem (caso mais claro: o discurso relatado), mas também a designação, que é um identificador: nome próprio (título de um livro, de um jornal, (...))”. No discurso citado, as aspas de abertura e fechamento servem para delimitar visualmente esse discurso. Observemos o fragmento da fábula “A pomba e a formiga”, de Jean de La Fontaine, exemplificando a aplicação das aspas com essa função:

Supondo-a já na panela,
Diz: “Hei de te hoje ceiar!”
Mas nisto a formiga astuta
Lhe morde num calcanhar (LA FONTAINE, 2005, p.68).

Dentro do cotexto dialogal, há ainda um grupo de sinais denominados de conduta de diálogo. Conforme Dahlet (2006), desde que o diálogo passou a ser formalizado, inicialmente na escrita literária, no período da sua fixação surgiram alguns problemas a serem resolvidos. O primeiro, consistia em separar as vozes coexistentes; o segundo, consistia em explicar como ocorre o diálogo em nível das trocas. Devido a essas problemáticas, a autora designa de sinais de conduta de diálogo:

- i. o **dispositivo tipográfico** de formalização do diálogo, ou seja, o travessão, bem como a frequente translineação, as aspas e as reticências de interrupção;
- ii. os sinais que assumiram a função convencional de remeter, por conotação, a certas **modalidades de uma voz falada** jamais ocorrida: intensidade da voz (maiúscula contínua), mudança de altura (itálico), entonação (pontos de exclamação e de interrogação), fluxo (reticências de fluxo) (DAHLET, 2006, p. 223/224, grifos da autora).

A formalização do diálogo na escrita romanesca compreende a voz dos personagens somada, muitas vezes, à voz do narrador. Para demarcar essas vozes utiliza-se, em geral, o travessão de

diálogo. Há duas formas coexistentes de diálogo: o alinear e o em contínuo. No diálogo alinear há a representação do diálogo sem a interferência do narrador. A troca de interlocutores acontece através da alínea e do uso do travessão. Vejamos um exemplo desse tipo de diálogo no fragmento da fábula “A coruja e a águia”:

— Nesse caso combinemos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.
— Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?
— Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem-feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus (LOBATO, 2008, p. 30/31).

Ainda no diálogo alinear, pode ocorrer da voz do narrador aparecer no diálogo, porém, nesse caso, essa voz limita-se a apresentar um verbo *dicendi* ou de elocução. A separação do discurso citado e do discurso citante pode ser realizada pelo travessão, pela vírgula ou pelo uso do travessão, juntamente com as aspas:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.
— Basta de guerra — disse a coruja. — O mundo é grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.
— Perfeitamente — respondeu a águia.
— Também eu não quero outra coisa (LOBATO, 2008, p.30).

Com relação ao diálogo em contínuo, observam-se as mesmas formalizações encontradas no diálogo alinear. É válido ressaltar que a preferência pelo diálogo alinear ou pelo diálogo em contínuo é livre e as variações observáveis em cada tipo irão decorrer da escolha dos autores.

Dentro do grupo dos sinais classificados como sinais de conotação de interação, temos o ponto de exclamação e o ponto de interrogação. Dahlet (2006) ressalta para o fato de que os enunciados utilizando esses sinais podem apresentar as mesmas operações existentes em contexto monologal, contudo, a autora enfatiza que a diferença entre ambos está no fato de que em contexto dialogal, essas operações acontecem pelo viés do oral representado por escrito, gerando, dessa forma, uma “*mimesis* de um falado” (DAHLET, 2006, p. 232, grifos da autora). Dessa forma, ao se utilizar o ponto de exclamação em um enunciado, cria-se um efeito ilusório no leitor de escutar a entonação proferida pela voz dos personagens. Observemos o exemplo extraído da fábula “A rã e o boi”:

— Não concordo! — berrou Emília. — Eu nasci boneca de pano, muda e feia, e hoje sou até ex-marquesa. Subi muito. Cheguei a muito mais que vintém. Cheguei a tostão... (LOBATO, 2008, p. 35).

Percebemos no fragmento supracitado, que o uso do ponto de exclamação contribuiu para representar a entonação de discordância proferida pela boneca Emília. Isso se comprova através do verbo “berrou”, citado pelo narrador para se referir à forma pela qual a boneca tinha falado.

Quanto ao ponto de interrogação nesse tipo de cotexto, a função predominante é a de indicador de pergunta. O trecho retirado da fábula “A rã e o boi”, exemplifica essa função da interrogação:

— Quer ver – disse a rã — como fico do tamanho deste animal?
— Impossível, rãzinha. Cada qual como Deus o fez.
— Pois olhe lá! — retorquiu a rã estufando-se toda. — Não estou “quase” igual a ele?
— Capaz! Falta muito, amiga (LOBATO, 2008, p. 34).

Há também nesse tipo de cotexto, a presença da interrogação com valores não interrogativos, podendo denotar a demanda de reação ou expressão de espanto, a demanda de confirmação, a expressão de intimação e a forma de pedir.

Por fim, temos as reticências assumindo funções diferenciadas em cotexto dialogal. Para Dahlet (2006, p. 234), as reticências “remetem à interrupção do locutor 1 pelo locutor 2(...), ou a uma pausa provisória da fala que enuncia (...)”. Desse modo, quando as reticências são usadas para indicar que o locutor 2 interrompe a fala do locutor 1, têm-se aí uma caso de hetero-interrupção, como pode ser observado no trecho da fábula “A formiga boa”:

Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?
— Isso mesmo, era eu...
— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou (LOBATO, 2008, p.24/25).

Quando as reticências forem usadas com a função de indicar as pausas na fala por quaisquer motivos, tal ocorrência é denominada de homo-interrupção. No exemplo a seguir, extraído da fábula “A formiga má”, podemos observar tal função desempenhada por esse sinal:

— Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.
— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...
A formiga olhou-a de alto a baixo (LOBATO, 2008, p. 24).



TAUANNE NAIARA
Diagramação/Ilustrações (com adaptações)
tauanne@gmail.com